



ORGÃO MENSAL DA LIGA REPUBLICANA DAS MULHERES PORTUGUEAS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DE ARROIOS, 122, 1.º - LISBOA  
COMPOSTO E IMPRESSO  
NA  
PAP. E TIP. LIBERTY de Lamas & Franklin - Rua do Livramento, 88 e 90 - LISBOA

DIRECTORA - Maria Veleda  
SECRETARIA - Filipa de Oliveira  
ADMINISTRADORA - Lenia Loyo Pequito  
EDITORIA - Ana Maria Gonçalves Dias

Distribuição gratuita às associadas  
ASSINATURAS  
Semestre ..... 12 centavos  
Ano ..... 24 centavos  
NÚMERO AVULSO 2 CENTAVOS  
Anúncios a preços convencionaes

## A uma amiga monarquista

### UMA CARTA

Escreves-me assustada, minha bôa amiga, apertando com as tuas mãos diafanas de anemiado sangue azul a tua pobre cabeça que se esvae, depois de leres num apavoramento mal confessado, os artigos de propaganda que te mando de quando em vez.

E chamas-lhes *artigos políticos*... Políticos? Pois seja.

Que politica não é, realmente, a discussão de interesses miseráveis que se debatem entre homens e que tão mesquinhos, tão inferiores, os tornam aos seus próprios olhos, conspurcando a «ciencia de bem governar os povos» e tornando-a uma coisa imoral, e quasi obscena, que é — na opinião deles — defeza ás mulheres.

Não! A politica não é isso, tu é que tens razão, dando justamente á minha propaganda social o nome de *politica*!

Ela não é a luta desmoralisadora de interesses, do fulano que quer um emprego rendoso ou do sicrano que protege os manejos de dinheiro do banqueiro *qualquer coisa* que garanta a posse dos seus palacios, das suas equipagens, das suas festas e das suas amantes.

Sim, tens razão, politica não é, na verdade, o interesse do conselheiro ou do comendador nobilitados com o sangue do negro de Africa ou com o suor do patricio emigrado, morrendo sob o tratamento impiedoso dos senhores do seculo XX, como morriam sob o chicote dos donos de ha dois seculos.

Politica não é o sino da igreja, nem a agua do chafariz, nem a estrada que atravessa as tuas propriedades e podia atravessar as minhas, e muito menos o chafurdar miseravel dos *exploradores de officio*... Como politica não é, minha querida, essa abominavel luta de interesses que faz uma exploração indigna da crença sincera de algumas boas almas, que propositadamente fanatizam e desorientam, para se atirar como energúmenos que tentassem com os seus gritos á janela dum hospicio fazer parar um trem a todo o vapor, em marcha para um destino mareado.

Politica, isso?!... Sim, és tu que tens razão. Não podemos considerar uma ciencia essa intrigalhada miseravel em que os homens de todos os países se entreteem, achando que é um assunto demasiadamente *superior* para nós, que de *tal politica* tanto sofremos!...

Mas que importa tudo isso? que valor tem, no fim de contas, todas essas traições e miserias, se a humanidade caminha, apesar de tudo, para o triunfo duma sociedade de mais justiça e de mais verdadeira compreensão dos seus deveres, onde pômos os olhos num deslumbramento?!

E, ao contrario do que dizes, nós devemos entrar nobremente na politica para que ela deixe de ser isso que é, e

se torne realmente no que deve ser; alguma coisa de superior e de belo, dando á palavra a latitude que deve ter no sentido de educar, orientar e melhorar as condições sociais, tanto da mulher como do homem, porque ambos são victimas dum meio e duma educação viciadas.

Politica é o que nós fazemos, nós as mulheres como os homens que caminhamos pela mesma estrada larga do progresso e da luz, educando as crianças, erguendo o espirito dos escravizados, estudando as sociedades que passaram e abrindo novas fontes de investigação aos estudiosos.

Sim, nós é que fazemos a verdadeira politica, que é o estudo das civilizações desaparecidas para nelas descobrir o fio conductor que nos hade conduzir á justiça dos tempos futuros.

Porque, minha querida amiga, ahí está uma coisa em que creio firmemente, apesar da distancia que ainda nos separa desse longinquo porvir: uma sociedade em que a consciencia individual mais clara e desenvolvida se desprende dos absurdos preconceitos de que hoje somos as dolorosas victimas, nós as que podemos ascender um pouco mais rapidamente para a bondade consciente, que difere muito disso que vulgarmente os preconceitos sociais alcunham de *bondade*, e não passa duma fraqueza miseranda, duma cobardia sem desculpa.

Aconselho-te, minha querida amiga, a que medites sobre estas coisas tão claras e tão simples, esforçando-te por te libertares de ideias e preconceitos adquiridos, que vais seguindo por habito, na acomodaticia preguiça intelectual de muita gente, que se fica a caminhar eternamente no trilho batido da nôra, porque tem horror ao imprevisito com que, forçosamente, ha-de deparar.

Podes crer, em politica, como em preconceitos e até em crenças, o hábito, é uma força quasi invencivel.

Com a educação da infancia, com as ideias encontradas já feitas para se entrar no mundo de toda a gente, com os hábitos que já nos vêm no sangue herdado — é realmente difficil lutar!

E' preciso ter uma resistencia, uma energia e uma tèmpera, que nem todos encontram na sua própria alma sem um impulso hercúleo.

E assim tu, minha teimosa, que ainda ha bem poucos anos vias, nos banquetes de festa na grande casa senhorial de teus avós, beber religiosamente em copos que tinham gravado: *Viva D. Miguel!* — achaste-te um dia, mercê da marcha evolutiva da sociedade portuguesa, com uma subita paixão pelo descendente do usurpador do trono do teu rei!

Isto quer dizer que sem dares por isso a tua consciencia evolucionou e tu, descendente duma das familias — que bem poucas foram!... — que se mantiveram fieis ao rei, incontestavelmente mais legitimo do que o irmão, duplamente traidor, só português quando os interesses o reclamavam, já admitias uma constituição, a soberania do povo, embora bem regatada, com parlamento, com justiça independente, com a garantia de

não ser queimado nem enforcado...

Transigiste, minha cara, e transigir é meio caminho andado para novas transigencias, que se não fizeram esperar...

Assim não posso deixar de sorrir com certa ironia — tu perdôas á minha amizade esta franqueza — ao ver-te descer solene do teu pedestal de muitos seculos de estirpe fidalga, em linha recta, marcada na arvore genealogica que teu primo lindamente desenhou (unica habitude que lhe conheço) e *tuíteares-te* com os nobres do constitucionalismo, os «fidalgos» *Pês frescos*, assim desdenhosamente chamados pelos teus emproados avós.

E porque te disseram que tens nas veias um sangue adelgado e espiritualizado por muitos seculos de paciente cultivo, escandalisaste com as minhas ideias que vão de encontro ás paredes do teu cerebro e forçando a tua atenção conseguem perturbar a doce paz das tuas convicções sem raciocinio.

Porque, se te demoraes um pouco a pensar na razão das coisas, compreendrás perfeitamente que o sentido que dás á palavra «aristocracia» deixa de ser verdadeiro desde que o teu moço de lavoira que fugiu da tua casa para se escusar ao serviço militar, seria amanhã tão nobre como tu, se tivesse por acaso arranjado uma fortuna que lhe facultasse o ensejo de encimar as suas pratarias e o bragal da sua casa com uma corôa qualquer.

Assim, vocês os partidarios dum regimen de cartas, cheios de preconceitos que nos querem impôr como um coleto de forças, praticam uma desmoralisada democracia visto que no seu gremio aceitam qualquer plebeu ainda mal escarolado do suor do trabalho áspero, ou mal feito do susto com que escapou á policia, com tanto que tenha a sua burra bem atafalhada de notas e valores reaes.

Compara pois, minha cara amiga, essa transigencia reles ao preconceito do oiro, com a altivez com que nós sómente julgamos nossos iguaes aqueles que moralmente são nossos irmãos trabalhando e lutando e padecendo pelos mesmos ideais.

Compara a tua monarchia cheia de vicios, de transigencias, de miserias, de falsificação e de hipocrisias, com a nossa democracia onde o campo largo se abre a todas as aptidões, formando-se pela selecção natural e scientifica e as elites do pensamento, as aristocracias da intelligencia e do saber, unicas que podemos admitir.

E' assim que a colectividade portuguesa ha-de adquirir, com o trabalho de alguns anos de concorrência e democratização intelligente e culta, uma consciencia individual, que ha-de fazer da nossa Patria e da nossa gente o exemplo das futuras civilizações.

E aqui tens, finalmente, a razão porque eu estive sempre com a propaganda republicana, como hoje estou com a Republica no nosso País, não verdadeiramente pelo que lá é como por aquilo que ha-de ser com o esforço educativo de nós

todos. Já vês que estou na razão continuando a propaganda... politica, como tu lhe chamas, educativa e social como eu a quero considerar.

Quando corações sacudir o peso das velhas ideias que te atravancam o cerebro e te amarram a preconceitos já sem razão de ser, tenho a certeza que estarás comigo.

Ana de Castro Osorio

### o proposito do caso Calmette-Cailloux

Está sendo muito discutido na imprensa o caso de M.<sup>me</sup> Cailloux, que assassinou o jornalista Calmette com cinco tiros de revolver, para evitar que ele continuasse a campanha de descredito intentada nas colunas do *Figaro* contra seu marido, o ex-ministro Cailloux.

M.<sup>me</sup> Cailloux pode considerar-se a heroína do dia.

A opinião publica dividiu-se em duas correntes: uma, a que reprova, outra, a que aplaude o seu gesto violento. Temos, porém, notado que qualquer dessas correntes não aprecia o caso com a imparcialidade que ele requer: dum lado, estão os amigos de Calmette; do outro, os amigos de Cailloux. Assim, a opinião peca pelo exagero dos julgamentos, de parte a parte, o que é sempre para lamentar.

Em artigo de fundo do importante jornal feminista *La Française*, a sua illustre directora, M.<sup>me</sup> Jane Misme, insurge-se contra o atentado, que classifica de imbecil, por isso que, sem a inoportuna intervenção de M.<sup>me</sup> Cailloux, o ministerio não teria cahido. O artigo de M.<sup>me</sup> Jane Misme é cheio de sensatez e a sua leitura deixa-nos bem impressionados; mas, noutro artigo a seguir, a intelligente jornalista faz-nos o caloroso elogio de Calmette, a quem se confessa devedora de varias amabilidades — e isto esfria um pouco a nossa primeira impressão.

Tem-se dito que o gesto de M.<sup>me</sup> Cailloux deve ser considerado como um acto de coragem. Não estamos de acordo. Para desferrar alguns tiros sobre um homem desarmado, e que não esperava aquela agressão, parece-nos que não é preciso ser-se corajoso.

M.<sup>me</sup> Cailloux arvorou-se em justiceira, sob o dominio d'um intenso desespero, e para evitar que seu marido dermisse a questão no campo, convencionalmente chamado «da honra». Foi, a nosso ver, um acto impolitico e gravemente comprometedor. M.<sup>me</sup> Cailloux receava a publicação de cartas intimas, que se diziam estar em poder de Calmette e de que ela teria sido a auctora. A precipitação como M.<sup>me</sup> Cailloux procedeu pode dar margem ás mais extravagantes suposições, em que a fantasia dos *raconteurs* é inexgotavel. M.<sup>me</sup> Cailloux comprometeu seu marido sem conseguir ilibar-se e ilibá-lo do que de injurioso pudesse dizer-se a respeito de ambos. Logo, o seu crime resultou inutil; e mais uma vez se prova que o sangue não serve para lavar coisa alguma.

Isto quer dizer que nós nos coloquemos do lado de Calmette? Nem por pensamentos! Calmette estava procedendo como um verdadeiro miseravel, uma creatura sem qualquer especie de escrupulos, um bandido da imprensa.

A sua morte não nos comove. Victima da sua propria infamia, morreu como morrem quasi todos os rufias, quer a arma de que se servem seja uma pena, ou seja uma navalha de ponta e mola.

O desforço de M.<sup>me</sup> Cailloux, que acima classificamos de «inutil», terá, todavia, uma utilidade — a de servir de aviso a outros jornalistas como Calmette, que envergonham com os seus despreziveis processos a nobre profissão a que se dedicam.